

AVALIAÇÃO DA EDUCAÇÃO EM TEMPOS SOMBRIOS A BOMBA, O MENDIGO, O CÃO E A PEC 241

AVALIAÇÃO DA
EDUCAÇÃO EM
TEMPOS SOMBRIOS A
BOMBA, O MENDIGO,
O CÃO E A PEC 241

Carlos Roberto de Carvalho – UFRRJ
Flávia Miller Naethe Motta – UFRRJ

Resumo:

Nos tempos sombrios em que nos encontramos, buscamos em enunciados jornalísticos reiterar as palavras de Albert Camus (1913-1960): “a vida como está não nos parece satisfatória, os homens morrem e não são felizes”. As palavras do dramaturgo e poeta alemão Bertolt Brecht (1898-1956), por certo corroboram, expressam desagrado: “Eu vivo um tempo sombrio”. Dois autores que trouxemos em nosso socorro para iluminar com seus escritos poéticos, críticos e filosóficos nossas reflexões sobre as sombras que pairam sobre nosso tempo: a fome, os refugiados, as guerras, a infância, a juventude, a velhice e a crise na educação. Essa última, fruto do avanço de uma política de extrema direita que “vem cortando direitos dos trabalhadores e abandonando a luta contra a mudança climática, que é precisamente aquilo que pode acabar com todos nós” (CHOMSKY). Tempo de absoluta depuração (DRUMMOND). Sombras cujas imagens sintetizamos em quatro existências, a nosso ver medonhas, apocalípticas: a bomba, o mendigo, o cão e a PEC 241. Quatro sintomas que nos mostraram que as condições que geraram Auschwitz persistem ainda hoje em todas as nações e países; portanto, enquanto persistirem essas condições, Auschwitz é uma ameaça que a educação não pode ignorar. Nossa preocupação é pensar a educação contemporânea a partir desse contexto de barbárie e de banalização da vida em geral. Partimos da seguinte premissa: a de não poder pensar a avaliação da educação, que é um discurso sobre o mundo, sem pensar no contexto verbal onde ela se realiza. Daí voltarmos nossa atenção para os textos jornalísticos, pois são eles que cotidianamente influenciam nossa visão de mundo e conseqüentemente interferem em nossas avaliações. A

Educ. foco,
Juiz de Fora,
v. 24, n. 2, p. 715-738,
Mai/ago 2019

nosso ver, o que precisa ser avaliado e a “Educação Após Auschwitz” (ADORNO) ou após qualquer outra tragédia na sua evidência contemporânea. Em todos os casos, ver as sombras que nos assombram nestes tempos sombrios a que se referiram Brecht, Camus, Bandeira, Drummond, Agamben, Chomsky, Arendt, Niemoller, Exupéry, Bhabha, Volóchinov e Adorno.

Palavras-chave: Educação; Avaliação; Auschwitz; PEC 241

EVALUATION OF THE EDUCATION IN DARK TIMES

the bomb, the beggar, the dog and the PEC 241

Abstract:

In the dark times in which we find ourselves, we seek in journalistic statements to reiterate the words of Albert Camus (1913-1960): “Life as it does not seem satisfactory to us, men die and are not happy.” The words of the German playwright and poet Bertolt Brecht (1898-1956) corroborate and express displeasure: “I live in a dark time”. We brought these two authors to support us and to stand out with their poetic, critical and philosophical writing our reflections on the shadows that hover over our time: the hunger, the refugees, the wars, the childhood, the youth, the old age and the crisis in the education. The latter, result of the advancement of a politic of extreme right wing that “is cutting off rights of the workers and abandoning the struggle against the climatic change, which is precisely what can put an end to all of us” (CHOMSKY). Time of absolute purification (DRUMMOND). Shadows which images we summarize in four frightful and apocalyptic existences, in our opinion: the bomb, the beggar, the dog and the PEC 241. Four symptoms that showed us that the conditions that originated Auschwitz persist still today in all the nations and countries; so, while these conditions will persist, Auschwitz is a threat that the education cannot ignore. We need to think the contemporary education from this context of barbarism and banality of the life in general. We leave from the following premise: the impossibility

of thinking about the evaluation of the education, which is a speech on the world, without thinking about the verbal context where it happens. Therefore, we turn our attention for the journalistic texts, since they influence our world vision and consequently they interfere in our evaluations. In our view, what needs to be assessed is the “Education After Auschwitz” (ADORNO) or after any other tragedy in his contemporary evidence. In all the cases, to see the shadows that astonish us in these gloomy times to which Brecht, Camus, Bandeira, Drummond, Agamben, Chomsky, Arendt, Niemoller, Exupéry, Bhabha, Volóchinov and Adorno referred.

Keywords: Education; Evaluation; Auschwitz; PEC 241

Brecht¹ – Que tempos são esses que falar sobre amenidades é quase um crime, pois significa silenciar sobre tanta injustiça?

Camus – As coisas, tal como estão, não me parecem satisfatórias. Os homens morrem e não são felizes.

Brecht – Realmente, vivemos tempos muito sombrios! A inocência é loucura. Uma fronte sem rugas denota insensibilidade. Aquele que ri ainda não recebeu a terrível notícia que está para chegar.

Camus – Se o Tesouro Público é importante, a vida humana não o é.

Brecht – Verdade! Eu vivo um tempo sombrio.

Camus – Mas se durmo, quem me dará lua?- pergunta Calígula em lugar de Camus.²

¹ Bertolt Brecht (1898-1956) foi um dramaturgo, romancista e poeta alemão, criador do teatro épico anti aristotélico. Sua obra fugia dos interesses da elite dominante, visava esclarecer as questões sociais da época.

² Livre adaptação dos autores do poema de Brecht “Aos que virão depois de nós” e da peça “Calígula”, de Albert Camus.

Essa é a teia dramaturgica a partir da qual se pretende fazer uma *Avaliação da Educação em Tempos Sombrios*, utilizando-nos para isso dos enunciados jornalísticos, dos escândalos estampados nas primeiras páginas dos jornais e das revistas. Estamos convencidos de que esses enunciados interferem na nossa visão de mundo, criam consciências individuais e coletivas. Daí julgarmos oportuno tais gêneros de textos que, apesar de terríveis, nem sempre nos escandalizam; naturalizam; diluem-se na poeira dos dias.

Nossa opção partiu da seguinte premissa: a de que não se deve pensar a avaliação, que é um discurso sobre o mundo, sem pensar no contexto verbal em que se realiza. Sem saber a que ou a quem responde, corresponde, afirma, reafirma, confirma, nega, aceita, rejeita, exclui, inclui. Enfim, com quem a avaliação e o avaliador dialogam.

Somos do partido que avaliação é diálogo que se faz no contexto histórico concreto e objetivo. É aí, e somente aí, que essa encontra seu sentido justo, a sua razão ser. Avaliar é estar consciente a respeito de algo, a respeito do mundo, o que esse algo é ou está sendo; que ele poderia vir a ser ou deixar de ser. Avaliar não é algo dado previamente, mas construído, pensado e sopesado a partir da totalidade do real, daquilo que chamamos mundo. Significa pensar “sem corrimões” (Arendt) no diálogo amoroso com outros homens (Bakhtin).

Conforme sugere o título, nossa preocupação é pensar a educação contemporânea a partir de seu próprio contexto histórico que é o de barbárie e de banalização da vida em geral. A nosso ver é isto que precisa ser avaliado: a “Educação Após Auschwitz” (Adorno) ou após qualquer outra tragédia na sua evidência contemporânea. Ver as sombras que nos assombram nestes tempos sombrios a que se referem Brecht, Camus, Bandeira, Drummond, Agamben, Chomsky, Arendt, Niemoller, Exupéry, Bhabha, Volóchinov e Adorno e todos os outros presentes implicitamente em nossa escrita.

Segundo Agamben (2010), para captar o tempo contemporâneo, precisamos de certa forma não coincidir com

ele. É a *não-coincidência* que nos ajuda a perceber o fluir do tempo na sua liminaridade, nas fronteiras onde algo começa e termina. Todavia esse anacronismo, não é nostalgia, recusa ao tempo em que se vive; afastamento que jamais poderá significar viver em outro tempo. Para Agamben (*op. cit.*), um homem pode, sim, odiar o seu tempo, não querer pertencer a ele, não coincidir com ele, mas jamais poderá escapar a ele. Assim também pensa Carlos Drummond de Andrade em seu poema “Mãos Dadas”, *in* Sentimentos do mundo.

Não serei o poeta de um mundo caduco/Também
não cantarei o mundo futuro/ Estou preso à vida
e olho meus companheiros/Estão taciturnos mas
nutrem grandes esperanças/Entre eles, considero a
enorme realidade/O presente é tão grande, não nos
afastemos/Não nos afastemos muito, vamos de mãos
dadas/Não serei o cantor de uma mulher, de uma
história/Não direi os suspiros ao anoitecer, a paisagem
vista da janela/Não distribuirei entorpecentes ou
cartas de suicida/Não fugirei para as ilhas nem serei
raptado por serafins/O tempo é a minha matéria, o
tempo presente, os homens presentes/A vida presente.
(ANDRADE, 2012, p.35)

Fiquemos com os últimos versos do poeta. “O tempo é a minha matéria, o tempo presente, os homens presentes. A vida presente” é que deve ser objeto de nossa avaliação, de nossa atenção. Janus bifronte, tempo *do já, do ainda é e do ainda não*; tempo que nos obriga a ter um olhar feito um girassol para captar no mundo a sua eterna novidade, como nos faz compreender Alberto Caeiro, *in* “Guardador de rebanhos”³. Precisamos, mais que pensar, olhar para todos os lados para todas as temporalidades. Duplas temporalidades: passado-presente, presente-futuro, futuro-passado. E vice-versa. De modo que “o olho mais fiel pode agora ser aquele da visão dupla do migrante”, conforme afirmado por Bhabha (1998,

³ PESSOA, Fernando. O Guardador de Rebanhos. In Poemas de Alberto Caeiro. (Nota explicativa e notas de João Gaspar Simões e Luiz de Montalvor.) Lisboa: Ática, 1946.

p.25). Olho duplo, olho de girassol, não alinhado, habitante das fronteiras de um espaço-tempo intermédio: nem aqui nem ali nem acolá: nem agora nem antes nem depois. Tempo do “além” e das encruzilhadas do tempo: presente-passado-futuro, não necessariamente nesta ordem.

É esse anacronismo e deslocamentos que nos permitiram estabelecer uma relação singular, criativa e crítica com o nosso tempo partir das manchetes dos jornais feitas de verdades e mentira, *fake news*, em que o afirmado também pode ser negado. Tempo de verdade: tempo da mentira. De dúvidas e ingenuidades. Manchetes que nos incitam a sempre perguntar: qual é a realidade? Quem tem razão? Quem diz a verdade? A verdade é filha do tempo, mas nunca é o tempo todo, muda no tempo com o tempo. A verdade talvez nem exista (ela é sempre uma busca), talvez o que exista só a luta entre os homens em tornar algo verdade. Ninguém pode ser dono da verdade. Todavia, os proprietários dos meios de comunicação e as agências de notícias querem usurpá-la; por isso, “[...] tende atribuir ao signo ideológico um caráter eterno e superior à luta de classes, apagar ou ocultar o embate das avaliações sociais no seu interior, tornando-o monoacental” (VOLÓCHINOV, 2017, p.113).

Diante deste embate Volóchinov (ibidem), a luta em torno aos sentidos das palavras, de querer fixá-la, não tem nenhum sentido, pois qualquer signo ideológico tem duas faces, como por exemplo, um xingamento pode significar um elogio; uma verdade uma mentira e vice-versa. Desta dupla face não escapa a palavra avaliação; não escapa a sentença de Camus que deve ser sempre contextualizada e avaliada nas circunstâncias em que é dita, cujas combinações são infinitas.

Para quem as coisas não estão nada satisfatórias? O que não é satisfatório para uns, pode ser satisfatórios para todos? Pode existir um satisfatório para todos? Perguntas que todos nós temos que nos fazer e buscar responder.

Já está definido que não trataremos das questões técnicas da avaliação, mas do contexto histórico político e

epistemológico deste tempo presente passado e futuro que o pensamento de Camus referendou e nos convidou a reflexão. Acontecimentos que a nosso ver geraram esse sentimento de insatisfação profunda, de desconforto. Situação que nos obrigou fazer as perguntas extremas e ao mesmo tempo respondê-las, não mais e apenas teoricamente, mas com nossa própria vida. É a vida de todos nós que se encontra ameaçada, desrespeitada e vilipendiada tal qual a mostrada por Manuel Bandeira no poema “O Bicho”⁴

Vi ontem um bicho/Na imundície do pátio/Catando
comida entre os detritos./Quando achava alguma
coisa,/Não examinava nem cheirava: /Engolia com
voracidade./O bicho não era um cão,/Não era um
gato,/Não era um rato./O bicho, meu Deus, era um
homem (BANDEIRA, 1947).

“O bicho, meu Deus, era um homem”. É com o espanto do poeta que os convidamos a prestarem atenção aos fatos estampados nos jornais. Fatos esses aos quais, por vezes, não damos importância alguma ou tampouco com os quais nos incomodamos.

No entanto, são fatos aparentemente sem importância é que precisam ser avaliados, pois de grão em grão a galinha enche o papo e o mal nasce de nossa indiferença, nasce das notícias pregadas nas bancas de jornal sobre os quais olhamos e passamos despreocupadamente como se nada tivéssemos a ver com isso.

No entanto, Chomsky recentemente em entrevista concedida ao “Jornal El País”, ao comentar sobre o tempo, denunciou os poderes midiáticos que, segundo ele, estão a serviço dos interesses do grande capital, a serviço de Trump. Advertiu-nos: “Não há nada mais que Trump, Trump, Trump”. E tudo isso, conclui, para nos tirar do foco do que está verdadeiramente acontecendo, o avanço da extrema direita.

⁴ Disponível em : <<http://www.casadobruzo.com.br/poesia/m/bicho.htm>>. Acesso em: 15 jul. de 2018.

[...] *Enquanto isso, o flanco selvagem dos republicanos vai desenvolvendo sua política de extrema direita, cortando direitos dos trabalhadores e abandonando a luta contra a mudança climática, que é precisamente aquilo que pode acabar com todos nós* (AHRENS, 2018)- grifo nosso.

Prestem atenção às primeiras páginas dos jornais. Espere-se com isso vislumbrar as tragédias humanas estampadas nos enunciados com os quais buscamos reiterar a avaliação que Camus fez do nosso tempo, qual seja: *As coisas, tal como estão, não me parecem satisfatórias*. Homens comendo em uma lata de lixo.

Afinal, quem ainda não viu um homem comendo na lata de lixo? Se alguém ainda não viu, é porque não prestou atenção ou tem alguma doença nos olhos. Vê, mas não percebe que vê. Sofre de indiferença crônica do olhar. Ter visto ou não, não diminui a nossa culpa tampouco a nossa responsabilidade, porque o mundo deveria ser uma responsabilidade de todos. Quer queiramos ou não é o que acontece a um único homem e possível acontecer a outros homens. Não se engane tampouco se iluda. Leia o poema de Martin Niemoller.

Primeiro levaram os comunistas,/Mas não falei, por
não ser comunista./Depois, perseguiram os judeus,
Nada disse então, por não ser judeu,/Em seguida,
castigaram os sindicalistas/Decidi não falar, porque
não sou sindicalista./Mais tarde, foi a vez dos
católicos,/Também me calei, por ser protestante./
Então, um dia, vieram buscar-me./Nessa altura, já
não restava nenhuma voz,/Que, em meu nome, se
fizesse ouvir.⁵

O poema não deixa dúvida de que todos os homens têm a ver com vidas de todos os homens. Daí o nosso desinteresse, nossa indiferença pela vida dos outros, ser um dos maiores desastres de nossa época. A indiferença é solo em que se semeia a barbárie. O poema nos levou a essa reflexão: a de que precisamos levar em consideração a vida dos outros com os

⁵ NIEMOLLER, Martin. Disponível em : < <https://www.pensador.com/frase/NTczNjMz/> >. Acesso em: 12 jul. de 2018.

quais convivemos. Cativarmos uns aos outros, porque só assim “Tu te tornas inteiramente responsáveis...”, disse Exupéry, em uma das mais belas e delicadas histórias que ora nos convém aqui, pois é obra de ternura, que ensina que é possível falar sobre coisas graves e sérias com beleza e dramaticidade para, assim, quiçá, falar ao coração humano. Ao coração de cada homem, para assim, quiçá, cativá-lo. Vamos a esse encontro entre Raposa e o menino capítulo XXI da referida obra.

- Que quer dizer cativar?- Pergunta o menino a Raposa. Ela o responde:

- É uma coisa muito esquecida, disse a raposa. Significa "criar laços..."

- Criar laços? - Exatamente, disse a raposa.

- Tu não és para mim senão um garoto inteiramente igual a cem mil outros garotos. E eu não tenho necessidade de ti. E tu não tens também necessidade de mim. Não passo a teus olhos de uma raposa igual a cem mil outras raposas. Mas, se tu me cativas, nós teremos necessidade um do outro. Serás para mim único no mundo. E eu serei para ti única no mundo... (SAINT-EXUPÉRY, 1982).

Para Raposa, cativar é torna único algo ou alguém. Cativar é tornar algo ou alguém, nossa necessidade. Cativar é ser para alguém único e irrepetível. Cativar é ter alguém como único e irrepetível: um carneiro, uma flor, uma raposa, um amigo ou qualquer outra coisa desde que seja única e irrepetível. Cativar algo é saber que esse algo existe e que ele está próximo de nós, no nosso dia-a-dia. Cativar pode significar trazer cativo junto a si o mundo e todo mundo: uma coleção de peças únicas e irrepetíveis. Avaliação do irrepetível, único e singular. Incomparável. Então, nos cabe perguntar sem nos isentar da resposta: como temos cativado o mundo, a mãe terra que nos acolhe? Como temos cativado uns aos outros? Como nos sentimos diante de um homem comendo numa lata de lixo?

Vale ressaltar, um mendigo comendo na lata de lixo não é apenas um mendigo comendo na lata de lixo, mas a humanidade inteira é o que vemos quando vemos um mendigo comendo na lata de lixo. Quando vemos um mendigo aí cativo, não vemos só um mendigo, vemos o estado de horror, de miserabilidade e barbárie em que já nos encontramos.

O Fato é que existem 795 milhões pessoas que passam fome no mundo atualmente (PIACENTINI, 2016). Lemos essa calamidade nos jornais enquanto outros se banqueteiavam desde os tempos bíblicos. A propósito, eis uma história, mas antiga que a bíblia e que foi contada por Jesus aos fariseus⁶, homens ricos cumpridores da lei, mas que não estavam nem aí para as dores do outro que estavam sob seu cativo. História antiga que não cessa estar presente no ar que respiramos.

Havia um homem rico, que se vestia com roupas finas e elegantes e fazia festas esplêndidas todos os dias. Um pobre, chamado Lázaro, cheio de feridas, estava no chão, à porta do rico. Ele queria matar a fome com as sobras que caíam da mesa do rico. E, além disso, vinham os cachorros lambe suas feridas (Lc 16, 19-3).

Quem nunca ouviu ou leu história tão triste? Quem nunca viu um homem ao rés do chão sem comida com um cão a lambe suas feridas? Quem ainda não viu, deveria ter visto porque enquanto isso existir não há possibilidades de existência humanamente digna e a fome de qualquer ser vivo, mesmo que esse ser seja uma formiga, é o máximo da barbárie. A fome precisa e deve ser avaliada, denunciada, exterminada; a fome é a barbárie vestida de pele e osso com a boca escancarada de esperança de pão.

⁶ Ser fariseu nos tempos de Jesus era fazer parte de um grupo de judeus ultraconservadores. Os fariseus observavam os mínimos detalhes da Lei (Antigo Testamento), eram apegados as tradições e aos costumes dos antepassados. Um adjetivo que os descreve bem é inflexíveis. Era um grupo fechado e foram severamente acusados por Jesus de serem falsos e de viver uma religiosidade de aparências.

Como deter esse horror que não para de aumentar? Como interromper o ciclo dessa barbárie, desse desapeço pela humanidade: 795 milhões de pessoas passam fome no mundo atualmente. Como avaliar a qualidade da educação sem levar esse fato em consideração? Sem levar em conta essa desumanidade que nos encontramos?

A nossa preocupação não é nova. É a mesma que Adorno teve no seu tempo a respeito da “Educação Após Auschwitz”; essa discussão proposta que nos orienta aqui e agora. As palavras de Adorno nos encaminham para dentro dessa carnificina.

Qualquer debate acerca de metas educacionais carece de significado e importância frente a essa meta: que Auschwitz não se repita. Ela foi a barbárie contra a qual se dirige toda a educação. Fala-se da ameaça de uma regressão à barbárie. Mas não se trata de uma ameaça, pois Auschwitz foi a regressão; a barbárie continuará existindo enquanto persistirem no que têm de fundamental as condições que geram esta regressão. É isto que apavora (ADORNO, 2008, p.117).

A exigência de impedir que algo tão monstruoso se repita é a primeira e única de todas as tarefas da boa educação. Questão de tal modo evidente que cremos não ser necessário justificá-la. Todavia, justificamos: “[...] a barbárie continuará existindo enquanto persistirem no que têm de fundamental as condições que geram esta regressão (ibidem).

Adorno nos falou do pavor, do horror da guerra, dos campos de concentração. Nós também ainda nos encontramos na mesma situação, por isso Brecht nos convém com sua pergunta que é quase uma afirmação indignada. “Que tempos são esses que falar sobre amenidades é quase um crime, pois significa silenciar sobre tanta injustiça?”.

Falemos então sobre essas coisas horríveis: Auschwitz, fome e mendigos. Coisas que remontam aos tempos bíblicos e que persistem. Coisas que continuam existindo porque persistem as mesmas condições que geraram Auschwitz ou

qualquer outro crime contra a humanidade cuja cena se repente todos os dias *per omnia saecula saeculorum*: o homem no lixo, o homem deitado na porta de um rico enquanto um cachorro lambe suas feridas. Cena contemporânea, o hoje repetindo o passado do passado *ad infinitum*. História triste que precisa ser avaliado para que Auschwitz ou qualquer outro crime não venha se repetir ou se instale em definitivo.

Não precisa ser nenhum especialista, cientista ou teólogo para perceber isso. Basta ver com seus próprios olhos a banalidade do mal (Arendt) por entre as quais circulamos tranquilamente todos os dias: um mendigo deitado na porta de um homem rico, enquanto um cão lambe suas feridas. E isso é todo o resumo da história, história em que o inimigo não tem parado de vencer conforme Benjamin nos deixa claro em suas teses sobre o conceito da história⁷.

Quem nunca viu tais cenas? Se não viu é porque está doente dos olhos, sofre de agnosia epistemológica, tem olhos são, mas não servem para ver. A agnosia epistemológica⁸ deve ser avaliada. Enquanto isso, outra terrível notícia: “NÚMERO DE REFUGIADOS DE GUERRA É O MAIS ALTO DA HISTÓRIA, segundo ONU - A cada três segundos, uma pessoa deixa sua casa por causa de conflitos. A ONU diz que são 75,6 milhões fugindo de guerra, violência ou perseguição (G1, 2017)”⁹.

Diante dessa situação horrenda em que a vida de milhares de seres humanos sofre as piores humilhações, bárbaras que muitos de nós vivemos como se ela não existisse, como se não a víssemos. Todavia acontece bem perto de sua casa. É esse desinteresse que nos apavora. O desinteresse pela dor do outro

⁷ BENJAMIN, W. As Teses sobre o Conceito de História. In: Obras Escolhidas, Vol. 1, p. 222-232. São Paulo, Brasiliense, 1985.

⁸ Agnosia (do grego antigo a+gnosis, não conhecimento) na perda ou deterioração da capacidade para reconhecer ou identificar objetos apesar de manterem a função sensorial intacta (visão, audição e tato).

⁹ NÚMERO DE REFUGIADOS DE GUERRA É O MAIS ALTO DA HISTÓRIA, SEGUNDO ONU. G1. Disponível em: < <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2017/06/numero-de-refugiados-de-guerra-e-o-mais-alto-da-historia-segundo-onu.html> >. Acesso em 10 de jul. 2018

é uma das condições que fazem com que a barbárie continue existindo. O desinteresse deve ser avaliado para que Auschwitz não se repita ou se instale em definitivo.

Falemos da bomba. Para contar a história da existência desse artefato diabólico concebido por altas inteligências, nos servimos de uma reportagem publicada na Gazeta do Povo, artigo assinado por Maurício Brum, que revela e justifica o porquê do nosso medo. A coisa grave é o medo da bomba, da *Mãe de todas as bombas: a arma não-nuclear mais poderosa do planeta, a MOAB*, que “equivale a 11 toneladas de TNT, e causa destruição em um raio de até uma milha - 1,6 quilômetro em linha reta a partir do local onde é jogada” (BRUM, 2017).

O que mais nos intriga não é o poder de destruição da bomba. O que de fato nos espanta é de saber que gente de tão alto cabedal intelectual se envolve em um projeto tão mortífero, tão fatal. Isso é mais intrigante do que querer saber “Por que Joazinho não aprendeu ler?” Por que homens tão instruídos agem como assassinos? Por que homens capazes, tal capacitados intelectualmente, não conseguem perceber a gravidade de seus crimes?

São essas perguntas que nos fazem aproximar bomba e formação humana, que nos fazem perceber as aproximações entre coisas aparentemente distantes, mas que não são nada distantes, antes implicam-se mutuamente. Questionamentos que nos fazem perceber que a avaliação da educação tem ver com a existência da Bomba e com um homem comendo numa lata de lixo, que a existência da bomba, do cientista que a fabrica e do mendigo talvez seja fruto de um processo educacional caduco, equivocado e que precisa ser corrigido, precisa ser avaliado, reavaliado e autoavaliado. Cada um de nós, tem sim, uma parcela de culpa e de responsabilidade, não podemos fingir que não sabemos que tais ou quais coisas estão acontecendo.

É isso que deveríamos avaliar: o modo como estamos vivendo e percebendo a vida e que nos deixou permitir que algo de tão monstruoso fosse construído, ameaçando a vida

de todos e do planeta por inteiro. No subtítulo da matéria vem subscrito o seguinte enunciado: “Basicamente, o que a bomba faz é sugar todo o oxigênio e atear fogo ao ar”. É o apocalipse: artefato anti-humano produto de uma civilização incivilizada cuja missão é destruir a vida. Preste atenção aos detalhes: “1,6 quilômetro em linha reta a partir do local onde é jogada”. A bomba mata, não tem compromisso com nada, não vê cara nem coração, a bomba é neutra tanto quanto a ciência que a fabricou. A neutralidade da ciência alimenta a bomba? A neutralidade da educação também? Num caso ou noutro a neutralidade deve ser avaliada para que Auschwitz não se repita ou não se fixe. Todavia, a MOAB é vista somente como mais uma na árvore da destruição, já houve outras como a usada no Vietnã a “Daisy Cutter” (VAIANO, 2017)

Avaliar talvez seja isso: desvelar o mundo no qual vivemos e a partir deste pensar outro no qual queremos. Outro mundo é possível, sem bombas e sem medo? Segundo Drummond

A bomba é um cisco no olho da vida, e não sai. A bomba não sabe quando, onde e porque vai explodir, mas preliba o instante inefável. A bomba fede. A bomba é vigiada por sentinelas pávidas em torreões de cartolina. A bomba com ser uma besta confusa dá tempo ao homem para que se salve. A bomba não destruirá a vida. O homem (tenho esperança) liquidará a bomba.

(C.D. *A in.*: “A bomba”)¹⁰

“A bomba não destruirá a vida. O homem (tenho esperança) liquidará a bomba”. Repare que nas palavras do poeta há esperança, mas não há certeza, a esperança é última que morre e se morrer antes, a bomba explode: essa é a certeza e disso ninguém duvide. Diante deste cenário dantesco, desta encruzilhada escatológica que o fim pode vir a qualquer momento, precisamos encontrar saídas. A primeira delas é não ignorar a bomba. Por isso, não podemos avaliar a educação

¹⁰ Disponível em: < <http://www.casadobruzo.com.br/poesia/c/bomba.htm> >. Acesso em 10 de jul. 2018

sem tê-la em mente sem levar em consideração os efeitos de sua malignidade. A bomba, repetimos é “o cisco no olho da vida que não sai”, o cisco que a educação não pode esquecer para que Auschwitz não se repita.

Robert Hammack, um dos responsáveis pelo projeto da A GBU-43, avaliou com toda a “neutralidade” que convém a um cientista comprometido com a ciência e a técnica, mas que parece não está nem aí para os efeitos de seus atos sobre o planeta. Diz-nos ele sobre a MOAB: “coisa mais incrível [...] é que ela não é a bomba mais poderosa do mundo. Mas que ela faz seu trabalho – deter o inimigo – simplesmente porque ele sabe da existência dela” (ibidem).

Essa é a avaliação técnica de um dos homens importantes do projeto. Homem que certamente foi educado nas melhores universidades em cujos laboratórios ensinam a fabricar os instrumentos de guerras, essas as armas mortíferas; homens que pensam e agem sem pensar nos efeitos de seus atos.

Como desinstalar a bomba do medo instalada na cabeça dos homens? Como interromper a barbárie que continuará existindo enquanto persistirem as condições que geram esta regressão? A existência da bomba é a condição fundamental da persistência da barbárie. Como não repetir Hiroshima e Nagasaki ou qualquer outra tragédia? De fato aqui Camus tem toda a razão: As coisas tal como estão não me parecem satisfatórias.

Em nosso ponto de vista pensamos um caminho, o caminho da educação cujos objetivos não podem ser outros: evitar que Hiroshima e Nagasaki se repitam; evitar que se eduquem homens altamente capacitados, porém sem sensibilidade para com a vida em geral; evitar que se eduquem pessoas que fabricam as bombas como o senhor Robert Hammack cujo poder de síntese nos diz tudo que a bomba é: uma instância do medo, quase uma deusa que impõe seus poderes diabólicos. A bomba é a política exercida por outros meios. A bomba não é um só um artefato para funcionar na guerra; a bomba é uma epistemologia, uma

política imperialista. A bomba é o medo. O medo é o estopim da bomba. O medo é que faz a bomba. O medo é uma das condições que persistem e que faz a bomba existir e que faz repetir Auschwitz, Hiroshima, Nagasaki e todos os demais genocídios. Incontável lista que não para de aumentar.

Todavia, “O homem (tenho esperança) liquidará a bomba”, liquidará o medo. É a este princípio que todos devemos seguir, tomando-o para si como missão intransferível: educar homens e mulheres fraternos e solidários para que usem seus talentos para bem da humanidade, sem jamais destruí-la, sem jamais desconsiderá-la.

Trata-se do seguinte: não basta apenas formar os homens capacitando-os cognitivamente apartados dos valores de liberdade, fraternidade e igualdade. Para formá-los assim fraternos e solidários precisamos amá-los. O amor é a medida de toda avaliação.

13. Ainda que eu fale as línguas dos homens e dos anjos, se não tiver amor, serei como o sino que ressoa ou como o prato que retine. 2. Ainda que eu tenha o dom de profecia e saiba todos os mistérios e todo o conhecimento, e tenha uma fé capaz de mover montanhas, se não tiver amor, nada serei. 3. Ainda que eu dê aos pobres tudo o que possuo e entregue o meu corpo para ser queimado[a], se não tiver amor, nada disso me valerá. 4. O amor é paciente, o amor é bondoso. Não inveja, não se vangloria não se orgulha. 5. Não maltrata, não procura seus interesses, não se ira facilmente, não guarda rancor. 6. O amor não se alegra com a injustiça, mas se alegra com a verdade. 7. Tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta (1, Coríntios, 13)

Sem amor não é possível educar os homens para que Auschwitz não se repita. A tarefa da educação e amar para liquidar a bomba do medo que se aninha em nossas cabeças, como coisa inexorável. A tarefa da educação e desligar a bomba que faz um homem, por exemplo, a odiar a outro homem; desligar a bomba significa reencontrar os sentidos que nos liga a vida, que nos liga aos homens, que nos liga a natureza,

que nos liga ao lugar que coabitamos com outros seres e com outros homens. Desligar a bomba é cativar o mundo e ser responsável por ele, pois as coisas como estão e vão indo não estão nada satisfatórias.

Retomamos aqui a entrevista de Noam Chomsky em entrevista concedida a Jan Martínez Ahrens, é um destes cientistas que não se encontra nada satisfeito. Segundo ele

Já faz 40 anos que o neoliberalismo liderado por Ronald Reagan e Margaret Thatcher, assaltou o mundo. E isso teve um efeito: a concentração aguda de riqueza em mãos privadas veio acompanhada de uma perda do poder da população geral (AHRENS, *op.cit.*).

Para Chomsky, essa concentração de riqueza afetou de modo brutal a nossa cidadania, a nossa humanidade e o modo de vermos o mundo, afetou conseqüentemente o modo de encarar a resolução dos problemas. Provocou-nos, sobretudo uma cegueira epistemológica. Agnosia é o nome dado a essa doença dos olhos que embora saudáveis não veem. São olhos, portanto, indiferentes à realidade que nos circunda, invade e permeia.

E a indiferença a respeito da realidade, tanto para o bem quanto para o mal, que pouco-a-pouco, vai devassando corações e mentes corroendo os laços: os laços de solidariedade, os laços de amizade, os laços de confiança, os laços de liberdade, igualdade e fraternidade nos mergulhando em uma anomia profunda e que nos torna *Homo homini lúpus*¹¹, homens lobos do homem. Eis o que afirma Chomsky ao jornal *El país*: “A desilusão com as estruturas institucionais levou pessoas a não acreditarem uma nas outras e tampouco nos fatos. Se ninguém confia em ninguém, por que temos que confiar nos fatos? Se

¹¹ Lupus est homo homini lupus é uma "sententiae" latina que significa o homem é o lobo do próprio homem. Foi criada por Plauto (254-184 a.C.) e bem mais tarde popularizada por Thomas Hobbes, filósofo inglês do século XVII.

ninguém faz nada por mim, por que tenho de acreditar em alguém? (AHRENS, *op.cit*)”

De fato, ao levarmos em consideração as palavras de Chomsky, as coisas não nos parecem nada satisfatórias! Frente a insensatez apocalíptica repetimos as palavras de Karl Valentin¹²: “Antigamente o futuro era melhor”; repetimos as palavras de Brecht: “Eu vivo num tempo sombrio” ou ainda as palavras do *Anjo torto* que da sombra reza-nos o Ângelo de nossas precisões.

É preciso viver com os homens,/é preciso não
assassiná-los,/ é preciso ter mãos pálidas e anunciar
o FIM DO MUNDO. (C.D.A *in Sentimento do
Mundo*)

Parece que o nosso FIM DO MUNDO chegou com a PEC 241 que foi votada e aprovada pelos Deputados Federais em dez de outubro de 2016 congelando por vinte anos as verbas da saúde e da educação cuja página registrou-se nesse rodapé. É preciso lê-la com a gravidade de quem lê uma nota fúnebre escrita no obituário de um Jornal Nacional.

Temos o doloroso dever de comunicar ao povo brasileiro que nesta segunda-feira 10/10/2016, na Câmara dos deputados, um dia após um banquete¹³ oferecido pelo excelentíssimo Senhor Presidente da República Federativa Brasil, o Senhor Michel Temer, foi aprovado, a proposta de alterar a Constituição de 1988 para congelar, por duas décadas, os investimentos em saúde e educação, entre outros gastos públicos. A proposta foi aprovada por 366

¹² Karl Valentin nome real, Valentin Ludwig Fey, foi um comediante, autor e produtor de filmes e teve grande influência na cultura alemã. O humor de suas peças reside entre o Dadaísmo e o Expressionismo.

¹³ Jantar de apoio custou R\$ 35,4 mil aos cofres públicos. O jantar de luxo reuniu cerca de 300 convidados, entre deputados da base aliada, ministros e economistas.

deputados, 58 votos acima do necessário (CARTA CAPITAL, 2018)¹⁴.

Diante do terrível, ao destacar que a Constituição de 1988 faz do Brasil um Estado de bem-estar social, lamenta o redator da matéria que essa realidade de saúde gratuita para todos, educação pública tornou-se uma realidade 20 anos mais longe de ser alcançada (ibidem).

E tudo isso para salvar o Tesouro Público, para saldar os rentistas, saudar o Mercado. Conforme nos declara o Ministro da Fazenda, o Senhor Henrique Meirelles, em rede nacional, três dias antes daquele festim imoral, mas que nenhum convidado teve o pudor ou a coragem de recusar a ir aquela bacanal¹⁵. Disse-nos ele sem corar as faces, sem se dar conta do mal que fazia: “a PEC 241 é o caminho para volta do crescimento de *nossa* economia”. Resta-nos perguntar: a que *nossa economia* o senhor ministro se referia?

Assim como Calígula de Camus prontamente reagiu ao seu ministro quando este se mostrou zeloso com a economia de Roma, nos aproveitamos da semelhança da ocasião e do passado que não passa para cumprimentar na pessoa do Ministro da Fazenda a todos os deputados e deputadas, a todos os senadores e senadoras que igualmente concordaram com ele e atenderam o seu apelo. As palavras de Camus nos revelam o X da questão: “Se o tesouro é importante a vida humana não o é [...] Os que pensam como tu, devem admitir este raciocínio e não ter a vida em conta, visto acharem que o dinheiro é tudo”¹⁶.

Enquanto isso, enquanto os poderosos da política decidem sobre a vida dos Lázarus deserddados, manchetes dos

¹⁴ Deputados congelam verbas da saúde e educação por 20 anos. CARTA CAPITAL. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/politica/deputados-congelam-verba-da-saude-e-educacao-por-20-anos>>. Acesso em: 10 de jul. de 2018.

¹⁵ Festa em honra a Baco, o inventor mitológico do vinho.

¹⁶ Cena VIII do 1º ato da peça “Calígula” de Albert Camus.

jornais nos escandalizam. Segundo o jornal *El País* em 18 de outubro de 2015, um ano antes do impeachment da presidente Dilma, 1% da população mundial alcançou a metade do valor total de ativos; 1% da população mundial passou a possuir tanto dinheiro líquido e investido quanto o 99% restante da população de todo o planeta. É a esta *nossa economia* que o prezado ministro se referia e defendia: a dos rentistas e dos especuladores. Inacreditável. A respeito do Brasil registrou o relatório, um ano antes do “impeachment”, que a renda média triplicou entre 2000 e 2014. No entanto, a desigualdade persiste no país, temos um padrão educativo desproporcional é uma economia em que o setor formal e informal (FARIZA, 2015).

Em contrapartida, ignorando os fatos, o Governo em conluio com o Congresso Nacional aprova e comemora um novo regime fiscal congelando por vinte anos as verbas da saúde, as verbas da educação, as verbas de outros gastos públicos. Tudo dentro dos conformes da lei; tudo em nome do tesouro público, mas em total dissintonia com as necessidades básicas do povo, necessidades essas sem quais não se sustentam os direitos inalienáveis para ser obter uma vida boa, digna e livre.

Recorremos mais uma vez aos Jornais, desta feita para reproduzir a seguinte notícia, publicada na BBC Brasil: “BRASIL É O SEGUNDO PIOR EM MOBILIDADE SOCIAL EM RANKING DE 30 PAÍSES”. A matéria trata de um estudo sobre mobilidade social feito pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico com dados de 30 países e que mostra que o Brasil ocupa a segunda pior posição. A estimativa é a mesma para a África do Sul e só perde para a Colômbia, onde o período de ascensão levaria 11 gerações. Sendo assim, conclui a matéria.

A chance de uma criança de baixa renda de ter um futuro melhor que a realidade em que nasceu está, em maior ou menor grau, relacionada à escolaridade e ao nível de renda de seus pais. Nos países ricos, o

"elevador social" anda mais rápido. Nos emergentes, mais devagar - no Brasil, ainda mais lentamente (MOTA, 2018).

Não há dúvidas de que em relação à infância a PEC 241 mostra seu lado mais cruel. Leia o que nos afirma o relator da ONU, Philip Alston¹⁷. Segundo ele a PEC 241 foi “uma medida radical e sem compaixão” e que irá atar as mãos dos futuros governos.

As palavras de Philip Alston confirmam que a PEC 241/2016, cujo princípio norteador é o de salvar o tesouro público, impõe sacrifícios brutais ao povo brasileiro e principalmente aos menos favorecidos. Prejudica principalmente a infância e a juventude. O relatório de Philip Alston nos faz compreender as palavras de Karl Valentin: “antigamente o futuro era melhor”. Não há como discordar: o ajuste fiscal significou o FIM DO MUNDO. Um atraso difícil de recuperar.

Sabeis, pois desde já que “nada é impossível de mudar” (Brecht). Tudo é movimento (Heráclito). Portanto, diante deste terrível espetáculo em que a vida não nos parece nada satisfatória “não aceites o habitual como coisa natural” (Brecht). Foi isto que intentamos aqui ao destacar algumas notícias estampadas nos jornais e que precisam ser avaliadas, para que a educação encontre o seu sentido, e o sentido da educação e a liberdade, a igualdade e a fraternidade para que Auschwitz não se repita, pois tudo que aconteceu um dia pode vir acontecer outra vez. Daí nasce o nosso desejo do impossível.

Terminemos com as palavras de Camus¹⁸ com a quimera de Calígula que por certo poderia ser a nossa também, qual seja: desejar a lua, a felicidade e a vida eterna.

¹⁷ Philip G. Alston é especialista em direito internacional e praticante de direitos humanos, nomeado funcionário da ONU. Relator Especial sobre pobreza extrema e direitos humanos.

¹⁸ Trecho da peça Calígula cena XI- pp. 31-36

Calígula- quero misturar céu e terra, confundir beleza e fealdade, fazer com o riso nasça do sofrimento.

Cesônia- o bem e o mal não existem. Existe a grandeza e a abjeção, o justo e o injusto. São coisas que não mudam, podes ter a certeza.

Calígula- decidi mudá-las. Farei ao meu século o dom da igualdade. e quando tudo tiver aplainado, o impossível reinar finalmente na terra e a lua repousar em minhas mãos, talvez então eu me tenha transformado e o mundo comigo, talvez finalmente os homens não morram e sejam felizes

Desce o pano! Discurso na arte discurso na vida!

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. - Educação e Emancipação. Editora Paz e Terra, São Paulo, 2008 Trad.: Wolfgang Leo Maar.

AHRENS, Jan Martínez. Noam Chomsky: “As pessoas já não acreditam nos fatos”. EL PAÍS.2018. Disponível em: < https://brasil.elpais.com/brasil/2018/03/06/cultura/1520352987_936609.html >. Acesso em: 12 jul. de 2018.

ANDRADE, Carlos Drummond. Poesia completa. Rio de Janeiro: companhia José Aguilar editora, 1973.

_____. Sentimento do mundo/ Carlos Drummond de Andrade. — 1a ed. — São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

ARENDDT, Hannah. A vida do espírito: o pensar, o querer, o julgar. Rio de Janeiro: civilização brasileira, 2008

BHABHA, Homi K. *In: O local da cultura.* Trad. Myriam Ávila *et alli.* São Paulo: UFMG, 1998.

BRUM, Maurício. A Mãe de Todas as Bombas': 7 fatos sobre a arma não-nuclear mais poderosa do planeta. GAZETA DO POVO. 2017. Disponível em: < <https://www.gazetadopovo.com.br/ideias/a-mae-de-todas-as-bombas-7-fatos-sobre-a-arma-nao-nuclear-mais-poderosa-do-planeta-4yyj2acukbx2dd8mho3i58e2b>>. Acesso em: 15 de julho 2018.

CAMUS, Albert – Calígula, peça em quatro atos. Civilização Brasileira. Rio de Janeiro, 1963. FARIZA, Ignacio. 1% da população mundial concentra metade de toda a riqueza do planeta. EL PAÍS. Disponível em: < https://brasil.elpais.com/brasil/2015/10/13/economia/1444760736_267255.html>. Acesso em 02 de jul. de 2018.

MOTA, Camilla Veras. Brasil é o segundo pior em mobilidade social em ranking de 30 países. BBC NEWS BRASIL. Disponível em: < <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-44489766> >. Acesso em 02 de jul. de 2018.

PIACENTINI, Patrícia. A FOME NO MUNDO. REVISTA PRÉ-UNIVESP. Disponível em: < http://pre.univesp.br/a-fome-no-mundo#.W1dL_9JKg2w>. Acesso em 02 de jul. de 2018.

SAINT-EXUPÉRY, Antoine de - O Pequeno Príncipe. Agir, Rio de Janeiro, 1982. Disponível em : <<http://www.opequenoprincipe.xpg.com.br/17.html>>. Acesso em: 17 de jul. de 2018.

VAIANO, BRUNO. Como funciona a MOAB – a mãe de todas as bombas. SUPER INTERESSANTE. Disponível em: <<https://super.abril.com.br/sociedade/como-funciona-a-moab-a-mae-de-todas-as-bombas/>>. Acesso em: 17 de jul. de 2018

Recebido em 03/09/2019
Aprovado em 03/09/2019

